

Giuseppe Crea
Vagner Sanagiotto

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DO DISCERNIMENTO VOCACIONAL

*Itinerário formativo para o
discernimento das vocações*

Prefácio de:

CARDEAL DOM JOÃO BRAZ DE AVIZ

Prefeito da Congregação para os Institutos de
Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Crea, Giuseppe

Aspectos psicológicos do discernimento vocacional : itinerário formativo para o discernimento das vocações / Giuseppe Crea, Vagner Sanagiotto. - São Paulo : Paulinas, 2022.

256 p. (Coleção Tendias)

Bibliografia

ISBN 978-65-5808-190-6

1. Vocação sacerdotal – Aspectos psicológicos I. Título II. Sanagiotto, Vagner III. Série

22-6118

CDD 248.89

Índices para catálogo sistemático:

1. Vocação sacerdotal – Aspectos psicológicos

1ª edição – 2022

Direção-geral: *Ágda França*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*
Antonio Francisco Lelo

Copidesque: *Ana Cecilia Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Imagem de capa: *@kevron2002/depositphotos.com*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2022

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	13
I O discernimento como processo de crescimento pessoal	19
O lugar de encontro entre o crescimento humano e o crescimento espiritual.....	20
Para um discernimento no tempo oportuno.....	23
Reconhecer a identidade vocacional na história de vida.....	27
A necessidade de um diagnóstico, quando nem tudo está claro	29
Planilha para o discernimento: foco na vigilância e na conscientização	33
II A função educacional da fé no caminho do discernimento	35
A fé como desenvolvimento da resposta vocacional	35
Discernimento de fé: entre pontos fortes e fracos.....	40
Da vulnerabilidade da desorientação ao desafio de escolher um estilo de vida	47
Considerações para uma fé em contínua transformação	49
Busca de significado e vontade de significado na proposta vocacional	52
Religiosidade profética e religiosidade imatura	53
Motivações religiosas e estilo de vida	56
Uma fé que oscila entre convicções internas e utilitarismo externo	57
As distorções de uma religiosidade humana demais para ser divina.....	60
Docilidade à ação de Deus na prática do discernimento	66
Planilha para o discernimento: concentre-se nas experiências de fé.....	69

III	Reanimar o discernimento em vista de um projeto de vida	71
	Chega de discernimento unilateral!	72
	Um discernimento que ajuda a mudar a vida das pessoas.....	73
	Harmonizar os dons recebidos	74
	Um discernimento permanente, comprometido com a vida.....	78
	Planilha para o discernimento: concentrar-se na capacidade de integrar desejos ideais com a realidade da vida.....	80
IV	Escuta ativa como método de discernimento	81
	Pastoral vocacional e o cuidado das vocações.....	82
	Um percurso formativo adaptado às relações recíprocas e autênticas	84
	A importância da escuta para o discernimento.....	86
	Um discernimento dialógico transformador que compromete toda a vida.....	90
	A narração da história como uma tarefa educacional.....	92
	Planilha para o discernimento: foco na escuta personalizada	98
V	Itinerários psicológicos no processo de discernimento.....	99
	Por uma nova concepção de ser humano.....	100
	Atenção às necessidades como um processo educacional gradual e prospectivo	101
	A capacidade de ter experiências adequadas com o próprio crescimento.....	104
	Autorrealização e autenticidade no modo de enfrentar a realidade	107
	Por um dinamismo criativo na construção de uma personalidade “sana”	110
	Os limites de uma visão educativa centrada no indivíduo.....	115
	Planilha para o discernimento: foco em alguns critérios psicológicos do crescimento humano	117
VI	O caminho do discernimento: por uma história gradual e projetual.....	119
	Um modelo de desenvolvimento: o eu e os outros.....	121
	Saber discernir nos diferentes estágios evolutivos	124

História do desenvolvimento como história vocacional.....	126
Crises evolutivas e ambiente psicossocial.....	128
Indicadores de crescimento nos estágios iniciais de desenvolvimento.....	131
Indicadores de crescimento nas escolhas feitas na vida.....	137
O discernimento na velhice	145
Planilha para o discernimento: enfoque nas fases de crescimento vocacional.....	149
VII Personalidade, mudança e discernimento.....	151
A psicologia das diferenças individuais.....	153
Qual temperamento discernir e para qual vocação.....	157
Variabilidade nos tipos psicológicos e psicodiagnóstico vocacional	159
Preferências de temperamento e capacidade adaptativa.....	162
Diferenças individuais no discernimento comunitário.....	165
O valor educacional do próprio modo de ser.....	169
Estilo relacional e transformação	170
Colaboração e integração das diversidades individuais.....	173
Preferências individuais e colaboração interpessoal no percurso formativo	180
Um mapa cognitivo da personalidade.....	186
Um caminho de vigilância que permite abrir-nos ao desígnio de Deus	188
Planilha para o discernimento: foco na personalidade.....	190
VIII A tomada de decisão e o crescimento interpessoal no percurso do discernimento.....	191
Vínculos construtivos na perspectiva do acompanhamento vocacional.....	193
O sentido vocacional da existência na concretude do comportamento	195
O discernimento dos sinais vocacionais no comportamento interpessoal.....	199
As dimensões dos comportamentos interpessoais	201

Processo de correção e fortalecimento motivacional no crescimento vocacional	204
Como as relações recíprocas facilitam o crescimento vocacional	211
Quando a escolha vocacional está impregnada por motivações superficiais.....	214
A tomada de decisão nos comportamentos contrários ao discernimento.....	219
Ativar comportamentos opostos para interromper a indecisão.....	220
Planilha para o discernimento: foco nos processos de tomada de decisão no comportamento interpessoal.....	226
IX Por um caminho de discernimento que caracterize toda a existência	227
A longa jornada transformadora daqueles que buscam fazer a vontade de Deus	228
O aspecto transformador das relações interpessoais	232
Discernimento permanente e fidelidade na tomada de decisões....	234
Três critérios operacionais para se ter presentes	236
O fruto do discernimento é uma explosão de caridade.....	239
Planilha para o discernimento: resumo final.....	241
Bibliografia	243

PREFÁCIO

O livro *Aspectos psicológicos do discernimento vocacional* representa um válido esforço de integração da psicologia nos processos de discernimento vocacional. O ponto de encontro desse processo é a história de vida, entendida como chave vocacional, na qual se reconhece no discernimento um caminho de diálogo que caracteriza o crescimento humano-espiritual de cada indivíduo. A obra introduz os responsáveis pelo discernimento vocacional (pastoral vocacional, formadores, superiores etc.) no conhecimento das aptidões psicológicas para o acompanhamento dos candidatos à vida religiosa e presbiteral, seja nas etapas iniciais do período formativo, seja nas etapas sucessivas da formação permanente.

O discernimento, como proposto nas páginas deste livro, parte do princípio de que existem motivações interiores que precisam de vigilância constante, para ajudar quem é chamado por Deus a distinguir, entre as tantas vozes, aquilo que condiz com os ideais vocacionais professados. A proposta é de um discernimento que permita fazer escolhas, mas que, acima de tudo, possibilite o desenvolvimento de projetos formativos de caráter preventivo.

O discernimento preventivo acolhe e envolve a pessoa na totalidade da sua história, descobrindo sinais do pertencimento a uma comunidade de fé, não somente como uma narração linear de fatos sucessivos, mas à luz de uma história vocacional. Nesse ponto, a história de vida se torna uma história vocacional de caráter evolutivo, gerando como fruto uma identidade

humana única e irrepetível, que busca responder ao chamado de Deus em meio as tantas fragilidades humanas.

Além disso, o conhecimento de situações problemáticas que possam dificultar a resposta e a fidelidade vocacional requer um discernimento no tempo oportuno. Nesse ponto, a ajuda de profissionais qualificados, para se obter um “diagnóstico” adequado, auxilia na tomada de decisão e, também, na realização de um projeto formativo que seja aplicado do ponto de vista formativo.

O livro se concentra em oferecer elementos teóricos e práticos que ajudem a repensar o estilo de formação, para renovar as atitudes básicas necessárias ao processo de discernimento. Antes de mais nada, os autores sublinham a importância da fé no caminho do discernimento, especificamente o seu papel integrador da existência humana. Em outras palavras, o discernimento tem sentido quando a resposta ao chamado de Deus dinamiza o crescimento do indivíduo no serviço ao próximo.

A proposta contida nestas páginas convida a reumanizar o discernimento, mediante a elaboração de um projeto vocacional que integre o protagonismo pessoal, ativo e corajoso, que ajude na mudança de vida, harmonizando os dons recebidos em um processo contínuo e unificador da própria identidade. O discernimento, assim entendido, assume o caráter de missão, no qual o indivíduo se compromete a zelar pelos sinais do crescimento pessoal por meio da integração entre o ideal e a realidade, com atenção específica para diversas formas de fragmentação que podem emergir das vivências de cada um.

A par da riqueza dos vários contributos psicológicos, emerge um discernimento caracterizado por uma história contínua e projetual, marcada por fases progressivas de crescimento e maturação, acompanhadas por crises características do processo evolutivo da pessoa. A esse respeito, a obra oferece

indicações úteis para o trabalho de discernimento, propondo estímulos para a reflexão e a discussão educativa para cada etapa evolutiva. Isso é importante principalmente na idade adulta, quando a pessoa é chamada a “gerar” novas oportunidades de sentido, a dizer seu sim vocacional sem diminuir as suas motivações interiores.

Ao longo dos capítulos deste livro, somos convidados repetidamente a considerar as experiências reais dos formandos nos contextos relacionais das comunidades formadoras, prevenindo uma geração de formadores capazes de ler os sinais do chamado de Deus, que nunca cessa de convidar novos trabalhadores para a sua vinha.

O sentido vocacional da existência torna-se, assim, uma perspectiva formativa, que compromete o indivíduo diante das grandes escolhas da vida, passando pela concretude dos comportamentos relacionais, promotores de uma espiritualidade de comunhão que educa o coração de cada pessoa. Nesse sentido, a vivência do discernimento torna-se formativa e transformadora, graças à relação que se constrói cotidianamente, com intervenções relacionais positivas, em que formador e formando aprendem juntos a acolher o chamado de Deus a uma vocação específica.

Diante do que foi exposto neste prefácio, o livro é uma proposta concreta, uma síntese que, com uma abordagem integrada entre as ciências psicológicas e um caminho de fé, representa um valioso contributo para a formação permanente de todos aqueles que estão envolvidos com o processo de discernimento.

Cardeal Dom João Braz de Aviz
Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada
e as Sociedades de Vida Apostólica

INTRODUÇÃO

O que é o discernimento? Como discernir uma vocação? Quantas vezes fizemos perguntas como essas no acompanhamento vocacional, no discernimento de uma vocação, principalmente quando nos propomos saber qual é a vontade de Deus para uma determinada vida. Toda vez que tentamos dar uma resposta precisa, deparamo-nos com algumas incertezas, justamente porque não estamos simplesmente tomando qualquer decisão, mas, sim, temos diante de nós uma vida, uma vocação.

No entanto, o discernimento está na base de qualquer escolha de vida. Para alguns, discernir vem como uma intuição, uma iluminação, da qual o indivíduo passa da confusão de muitos “porquês” para a certeza de uma escolha que parece ser a única possível, o caminho correto a ser trilhado. Para outros, porém, o discernimento é permanente, uma jornada que dura toda a vida e se manifesta como fruto da perseverança.

Este livro tem como objetivo ajudar o leitor a buscar respostas que estão entre a intuição e a processualidade. O discernimento não é apenas uma técnica que colocamos em ato para decidir se alguém que bate à porta dos nossos conventos ou do seminário diocesano está apto ou não para continuar ou iniciar um percurso formativo. Ele é um método que abarca a vida em todos os seus aspectos, inclusive na formação permanente.

Indicamos dois critérios básicos, como fio condutor das páginas deste livro:

1. o primeiro critério é que toda história de vida é a história de um discernimento, feito dia após dia, embora entre muitas adversidades;
2. o segundo critério é que o discernimento não é realizado sozinho, mas junto com os outros, em uma perspectiva comunitário-elesial.

As duas dimensões a que nos referimos (evolutiva e relacional) não dizem respeito apenas a escolhas episódicas ou temporárias, mas caracterizam toda a jornada da existência humana. Com efeito, o ser humano, saído das mãos do Criador, experimenta continuamente, no fundo do seu ser, o desejo de responder à comunhão com aquele que dá sentido à existência. Como proposta educativa, o discernimento é um projeto mais amplo, destinado a reconhecer a ação criadora de Deus na história, para, a partir disso, colaborar com ele na resposta vocacional: “a razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus [...]” (Concílio Vaticano II, 1998, n. 19).

As diferentes abordagens psicológicas que apresentamos nas páginas deste livro situam-se nesta linha: ajudam a examinar as diferentes dimensões do psiquismo humano, a partir da convicção de que cada pessoa tem aspirações profundas que as abrem ao sentido da sua vida. “O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus” (ibid., n. 16), e o seu desejo mais profundo é regular toda a sua existência com base nessa lei. As ciências psicológicas podem contribuir com esse caminho, porque ajudam a entrar em sintonia com o chamado de Deus, a descobrir o sentido orientador da existência e a integrar os diversos aspectos de si mesmo com a vocação.

Aceitar o convite de discernir a vocação significa assumir a história de vida como uma “história vocacional”, que se traduz em escolhas cotidianas que orientam o olhar para a frente, confiante de que “nos desígnios de Deus, cada homem é chamado a desenvolver-se, porque toda a vida é vocação” (Paulo VI, 1967, n. 15). Significa, também, abrir-se a um percurso educativo entendido como caminho de crescimento pessoal, capaz de responder às próprias aspirações espirituais, realizando, assim, o desejo de comunhão com Deus.

Esse processo educativo abrange aqueles que participam da pastoral vocacional (superiores, formadores etc.), justamente porque, através de um acompanhamento paciente e perseverante, eles se envolvem com quem procuram fazer a vontade de Deus nos acontecimentos da sua própria história. Com efeito, toda procura vocacional só pode realizar-se numa relação de autenticidade entre quem orienta e quem se deixa orientar, para que distingam juntos os sinais do chamado daquele que nos convida a ser dom para os outros. Por isso, o discernimento não é um assunto privado, mas uma experiência da Igreja, uma experiência de comunhão.

“Dizer que o desenvolvimento é vocação equivale a reconhecer, por um lado, que o mesmo nasce de um apelo transcendente e, por outro, que é incapaz, por si mesmo, de atribuir-se o próprio significado último” (Bento XVI, 2009, n. 16). É necessário, portanto, redescobrir o sentido último e definitivo da própria vida na dinâmica relacional de um acompanhamento formativo. Assim, o desenvolvimento vocacional que caracteriza a existência de cada um torna-se não tanto uma técnica, mas um método valioso, um modo de vida que caracteriza o crescimento humano e a própria resposta de fé. Um método que nos obriga a passar das boas intenções, muitas vezes

submetidas a muitas condições (“gostaria de seguir um determinado caminho, mas...”), aos fatos que requerem escolhas e, sobretudo, continuidade nas decisões tomadas.

O empenho em estabelecer relações autênticas num caminho de discernimento vocacional é um convite a confrontar-se com aqueles que têm a tarefa pastoral de orientar um caminho formativo. O discernimento em conjunto permite verificar quais são os sinais tangíveis da voz de Deus. Tal percurso passa pelo conhecimento do próprio mundo intrapsíquico, das próprias atitudes, das próprias motivações, mas também das fragilidades e dos medos, harmonizando o que caracteriza cada pessoa, numa mesma perspectiva vocacional. Só assim será possível passar do desejo fantasiado à decisão concreta, formulando o “sim” com o coração aberto para acolher o dom recebido.

A partir dessas considerações, pretendemos, nas páginas que seguem, indicar um percurso educativo que ajude a reconhecer os sinais da história vocacional, num percurso interpessoal caracterizado pelo desejo comum do Absoluto. A abordagem psicopedagógica, considerada por nós, evidencia como o envolvimento intersubjetivo educa para a experiência de um discernimento permanente, que ajuda a reconhecer os dons recebidos e a valorizá-los para o Reino de Deus. É esse discernimento que nos permite “formar pessoas sólidas e capazes de colaborar com os outros e dar sentido à própria vida” (id., 2008).

Ao longo dos dois últimos anos, estamos estudando profundamente as novas vocações à vida religiosa e presbiteral no Brasil. O nosso ponto de partida foi descrever o contexto sociocultural de onde “nascem” as vocações que batem às portas dos nossos seminários e conventos (Sanagiotto, 2020), onde

sentimos a necessidade de abordar a temática da formação à afetividade (Sanagiotto; Pacciolla, 2020), considerando principalmente o perfil psicológico das novas vocações (Sanagiotto; Crea, 2021). Diante desse contexto, questionamo-nos como fazer o discernimento vocacional na perspectiva de um itinerário formativo.

O DISCERNIMENTO COMO PROCESSO DE CRESCIMENTO PESSOAL

A dimensão espiritual do discernimento desde sempre foi considerada a principal maneira de conhecer a vontade de Deus, para se fazer escolhas que abram o coração às realidades futuras, predispondo o indivíduo a um estilo de vida coerente com as aspirações mais profundas de ser criado à imagem e semelhança de Deus.

Antônio, pai dos monges, dizia que “o caminho mais adequado para ser conduzido até Deus é o discernimento, chamado no Evangelho, os olhos e a lâmpada do corpo (Mt 6,22-23). De fato, discerne todos os pensamentos e as ações do homem, examina claramente o que se deve realizar” (Cassiano, 2000). Ainda conforme o mesmo livro, o discernimento é definido pelos padres do deserto como “a mãe e guardiã de todas as virtudes” (ibid., n. 4), a ponto de torná-lo objeto de constante busca e meditação para aqueles que se propõe a escutar a voz de Deus; somente depois que aprender a discernir a voz de Deus, alguém poderá ajudar aqueles que desejam fazer a mesma experiência espiritual.

Portanto, o discernimento é um caminho de vida que direciona o coração de todo ser humano a redescobrir a vontade de Deus, isto é, uma virtude especial que habilita à vigilância e à conscientização, um dom que abre ao reconhecimento da ação do Espírito na vida de alguém. A dimensão espiritual do discernimento era muito clara para os padres do deserto, que invocavam o Espírito Santo para dirigir seus comportamentos e moldar suas escolhas. Ainda hoje a Igreja experimenta a

relevância desse “exercício espiritual” nas muitas ocasiões que a acompanha, ciente de que é um trabalho lento e perseverante, que leva todos os homens e mulheres a serem modelados pelas infinitas possibilidades que Deus disponibiliza para professarem o “sim” de maneira definitiva.

Conhecer o projeto vocacional é obra de Deus, que atua graças à ação do Espírito. Como diz São Paulo: “o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam. A nós, porém, Deus o revelou pelo Espírito, pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus. [...] Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, a fim de que conheçamos os dons da graça de Deus” (1Cor 2,9-10,12).

No discernimento, a pessoa aprende a acolher essa ação de Deus, com a qual é possível descobrir, na fragilidade de sua existência, aquela força interior que permite entender a sua vontade, predispondo-se aos critérios de um amor oblato, que se manifesta na perspectiva de uma escolha de vida: “a presença do Espírito confere aos cristãos uma certa conaturalidade com as realidades divinas e uma sabedoria que lhes permite captá-las intuitivamente, embora não possuam os meios adequados para expressá-las com precisão” (Francisco, 2013c, n. 119). A obra do Espírito Santo contribui decisivamente para desvelar essas realidades para tornar visível o que, humanamente falando, parece ser invisível, formando cada pessoa de boa vontade a deixar-se plasmar pela misericórdia de Deus.

O lugar de encontro entre o crescimento humano e o crescimento espiritual

O discernimento no Antigo Testamento nos leva de volta à experiência de Moisés, assistido pelos anciãos (Ex 18,23-26),

o qual responde às solicitações do povo para participar da vontade de Deus; mas também à experiência dos juízes, que “julgarão o povo com sentenças justas” (Dt 16,18), assim como fazem os sacerdotes do povo que se colocam como mediadores da lei divina (Dt 17,8-13). No entanto, será sobretudo no Novo Testamento que o discernimento adquire um significado de crescimento progressivo, direcionado para a novidade que é Cristo: é assim que o cristão pode conhecer, julgar e interpretar os tempos messiânicos. É o clamor de Jesus aos fariseus, que foram capazes de interpretar os sinais dos tempos, mas não de ler o tempo das coisas de Deus. Também São Paulo Apóstolo identifica no discernimento uma vigilância entre os diferentes carismas (1Cor 12,10), enquanto São João sublinha o aspecto cognitivo, entendido como conhecimento experimental e progressivo, que permite distinguir o bem do mal.

Precisamente porque é uma realidade espiritual que atravessa a concretude experiencial da existência humana, o discernimento ocorre na presença de Deus, que se revela nos sinais concretos, que podem orientar as escolhas. Por isso que se trata de um caminho dinâmico e não estático, um caminho de vida que permite olhar as ações, as atitudes e pensamentos como oportunidades de crescimento orientadas para a nova vida do Evangelho.

Mas, acima de tudo, a experiência vital do discernimento evidencia a ativação de um processo de mudança, porque acende no coração humano o desejo de responder à vontade de Deus. Cada ser humano carrega consigo essa aspiração profunda, que o compromete a ser um descobridor das coisas de Deus ao longo do desafiador caminho da existência. Por isso, dia após dia, aprende-se a “crescer na compreensão do Evangelho e no discernimento das sendas do Espírito” (Francisco, 2013c,

n. 45), sem renunciar ao bem possível, ainda que corra o risco de “sujar-se” com a lama da estrada.

Dessa maneira, delinea-se uma visão de discernimento que faz parte da história de conversão, na qual a pessoa, na sua humanidade, com as suas fragilidades, aprende a colaborar com a ação do Espírito. De fato, chega o momento em que, para responder a um projeto de vida, aprende-se a deixar-se transformar pela ação do Espírito, que “age por meio de nossas qualidades intelectuais, portanto, estas devem ser reconhecidas com docilidade e implementadas, para que o fiel seja capacitado a receber esse dom” (Bianchi, 2017, p. 2). Assim entendido, o discernimento se torna um ponto de encontro entre a história pessoal e a história da fé: se a fé é o terreno privilegiado para o encontro com Deus, a história pessoal é o espaço onde esse encontro acontece.

Para fazer isso, é necessário saber “ver”, “ouvir”, “pensar”, para vigiar sobre a presença de Deus, para conhecer o que acontece na vida de alguém, para reler na própria existência os sinais de um chamado. Nessa atitude atenta, o indivíduo poderá tirar proveito da sinergia entre a ação do Espírito e o trabalho de transformação psicoeducativo que será ativado por meio dos encontros formativos, dos encontros vocacionais, do acompanhamento espiritual, dos projetos formativos, ou seja, através dos instrumentos que beneficiam a abertura da mente e do coração às coisas de Deus. Dessa forma, aprende-se a entrar em contato com os eventos da vida, aprende-se a reconhecer o que vem de Deus e a aceitá-lo como o cumprimento de uma promessa de amor que requer constância e fidelidade na resposta.

Essa atitude de paciente atenção nos leva a concluir que quem discerne é um “ouvinte” da ação de Deus na própria vida e na vida do mundo. Um ouvinte da voz de Deus que se manifesta

no sussurro da brisa leve (1Rs 19,12), que sopra nas muitas condições de vida em que Deus se faz ouvir, mas que exige que o homem se coloque em uma atitude de escuta ativa e acolhedora. Por esse motivo, é necessário formar-se para saber compreender os sinais da vontade de Deus e de sua Palavra, que se torna uma voz “sussurrante” nos eventos da história e nos sinais dos tempos. Discernir significa “uma prática para permanecer firme e confiante na Palavra que é Cristo” (Bianchi, 2017, p. 3).

Desse modo, a atenção às coisas espirituais torna-se atenção às profundezas do coração, para reconhecer a presença do Senhor que se manifesta com sua vontade e pede para colaborar com ele. Assim, o discernimento se torna parte de um caminho de comunhão com Deus, a fim de estar em sintonia com ele, porque somente assim é possível discernir o que lhe agrada e traduzi-lo em uma escolha radical a seguir.

De fato, para essa comunhão com o divino não basta apenas desejá-la, nem somente idealizá-la, mas é necessário alcançá-la através de respostas que toquem a vida. Na totalidade do ser que é interpelado, existe um compromisso que envolve a integridade da pessoa feita à imagem do Criador. O discernimento, entendido como principal caminho para toda escolha de vida, visa a isso: tornar-se um caminho que educa a mente e o coração a reconhecer as coisas de Deus e realizá-las em um projeto vocacional.

Para um discernimento no tempo oportuno

Nestes tempos difíceis, nos quais parece dominar o que é temporário em um clima de globalização ilusória, é necessário redescobrir e ressignificar o que é essencial na existência de alguém, principalmente quando tudo indica que não vale a pena fazer escolhas que comprometam a vida de maneira

duradoura. Por esse motivo, surge um particular interesse em desenvolver um discernimento que seja oportuno, no contexto em que alguém decide dar uma resposta e se comprometer diante dos sinais evidentes dos planos de Deus para a sua vida.

Essa solicitude tem caráter educativo, pois, quem se pergunta por uma vocação, é porque já consegue distinguir, nos diferentes processos do desenvolvimento humano, a importância de tomar decisões cruciais na sua vida (na escola, no trabalho, nos relacionamentos etc.). Por isso que o discernimento deve considerar todo o percurso da vida, para que se torne um método existencial que considere o ser humano que está em constante transformação, a fim de alcançar a projetualidade vocacional, que passa através dos eventos da história individual.

Para facilitar essa orientação em relação às escolhas maduras, é possível usar critérios de avaliação que favoreçam a compreensão das características do indivíduo, principalmente nos períodos que antecedem a entrada em um processo de formação específica. Da mesma forma, é necessário reconhecer oportunamente certas situações psicológicas que requerem atenção formativa especial, conforme indicado no documento eclesial que aborda esse assunto.

“É necessário, desde o momento em que o candidato se apresenta para ser recebido no seminário, que o formador possa conhecer cuidadosamente a sua personalidade, as potencialidades, as disposições e os diversos tipos eventuais de feridas, avaliando a natureza e a intensidade. [...] O discernimento, no momento oportuno, dos eventuais problemas que constituem um obstáculo ao caminho vocacional – como a dependência afetiva excessiva, a agressividade desproporcionada, a insuficiente capacidade em manter-se fiel aos compromissos assumidos e em estabelecer relações serenas de abertura, de confiança e de

colaboração fraterna e com a autoridade, a identidade sexual confusa ou ainda não bem definida – só pode ser de grande benefício para a pessoa, para as instituições vocacionais e para a Igreja” (Congregação para a Educação Católica, 2008, n. 8).

Além disso, o discernimento oportuno, com o suporte de especialistas em saúde mental, permite-nos delinear programas de intervenção formativa preventiva que considere as fragilidades de cada um. Isso é possível na medida em que esse discernimento seja feito nos estágios iniciais, e não quando somos forçados, por circunstâncias insustentáveis e perigosas, a fazer escolhas dolorosas, seguindo o critério da necessidade do momento: “o que é aparentemente incontrollável em circunstâncias difíceis é controlável em seus estágios iniciais” (Bandura, 2017, p. 65).

Essa preocupação antecipada lembra o estilo de uma formação integral e preventiva, que se concentre no reconhecimento dos aspectos construtivos da pessoa, como um método valioso para evitar situações e comportamentos de desvio ético e moral. A clareza diagnóstica do que é observado, em um clima de atenção amorosa, permitirá realizar intervenções educativas, com a consciência de que “quem sabe que é amado, ama; e quem é amado recebe tudo, especialmente dos jovens. Essa confiança coloca uma corrente eletrizante entre os jovens e os educadores. Os corações se abrem e tornam conhecidas suas necessidades e revelam seus defeitos” (Dom Bosco, 1984).

Portanto, a ação no tempo oportuno não se destina apenas a uma reação urgente quando é tarde demais, como ocorre nas congregações religiosas ou nas dioceses, quando nos deparamos com eventos patológicos que – como sabemos, com tristeza – mais tarde vieram a se tornar causa de escândalo (vejam os casos de abusos sexuais). Agir no tempo oportuno é

um método de crescimento existencial, é ativar as motivações internas que estão correlacionadas com os objetivos vocacionais, que precisam de vigilância constante para se discernir o que está em sintonia com os propósitos de vida, pois, do contrário, isso poderá tornar-se um problema.

Agir preventivamente é muito mais eficaz, principalmente nas etapas iniciais do processo formativo, como ocorre no percurso do discernimento. A formação não pode ser entendida como uma porta de ingresso para quem se adéqua a determinados comportamentos ou estilo espiritual, exigidos para continuar em uma determinada congregação ou diocese, mas deve ser uma grande oportunidade para confirmar a presença dos sinais vocacionais. Talvez possa tornar-se uma ocasião para se fazer escolhas diferentes, se for necessário, porque no discernimento é possível fazer opções corajosas que influenciarão o estilo de vida de quem discerne.

Diante de comportamentos “disfuncionais” e psicologicamente incompatíveis, é muito mais formativo uma ação “preventiva” que ajude a pessoa a abrir-se a uma projetualidade diferente, do que delegar isso a tempos melhores ou a ações repressivas feitas ao longo do processo formativo, que geralmente se demonstram ineficazes.

Portanto, o conhecimento da pessoa e o discernimento oportuno de situações inusitadas são duas condições indispensáveis para facilitar um acompanhamento baseado na realidade específica de cada indivíduo. É um trabalho educativo que não pode ser improvisado nem resolvido com boas intenções ou baseado na intuição. “Esta é uma operação complexa, não espontânea; articulada, não imediata; individual ou comunitária, mas sempre aberta à discussão. Por isso, é necessária uma educação para o discernimento, mas sobretudo na perspectiva vocacional”

(Cencini, 2008b, p. 333), que ajude não somente a esclarecer os sinais de um projeto de vida, mas, sobretudo, que permita identificar a especificidade da própria vocação, dentro de um projeto de vida que realmente corresponda à vontade de Deus.

Reconhecer a identidade vocacional na história de vida

As pessoas que batem à porta de um convento – de uma congregação religiosa, de uma diocese ou mesmo no caso da vida matrimonial – desejam fazer um caminho no qual queiram sentir-se ativamente envolvidas na descoberta do projeto de Deus. Aquele que abre a porta se envolve em um caminho a ser feito em conjunto, encontrando na relação e na escuta duas atitudes fundamentais.

Com efeito, a relação que se estabelece entre quem acompanha e quem é acompanhado predispõe os interlocutores a um sentido de confiança em Deus, em si próprios, alargando um processo de conhecimento recíproco que lhes permite descobrir novos horizontes de sentido no processo de busca vocacional. Essa dinâmica implica participação em diferentes níveis.

Antes de tudo, no nível do *conhecimento de si mesmo*. Para conhecer o outro é preciso conhecer-se um pouco, entrar em contato com a sua própria realidade, ser capaz de uma introspecção suficiente que lhe permita aproximar-se do seu próprio mundo interior, identificando os componentes construtivos à disposição, para relê-los na ótica da fé.

Esse é o primeiro objetivo de um itinerário de discernimento, porque, ao discernir os sinais do chamado no outro, aprendemos a recontá-lo a nós mesmos; ao exigir do outro, aprendemos a exigir de nós mesmos, isto é, aprendemos a identificar

uma parte da nossa identidade no projeto vocacional que queremos reconhecer em quem está à nossa frente. “É sabido que a história pessoal de cada um é única e só quem conhece esta história, este passado, pode esperar compreender alguém e trabalhar pela sua formação” (Goya, 1985, p. 58-59).

Essa sensibilidade ao valor da realidade deixa espaço para a *acolhida mútua das diferenças*. De fato, o conhecimento de si mesmo e a consciência das próprias competências ajudam a avaliar a natureza e a intensidade das diferenças do outro. A atenção ao mundo interior (na oração, na contemplação, na experiência vivida da fé, no modo de viver a experiência vocacional) facilita o acompanhamento vocacional do outro, participando de sua busca de forma proativa e construtiva.

Além disso, esse conhecimento reforça o *sentido de pertencimento* e gratidão recíproca, pois destaca a descoberta da vontade comum em responder ao projeto de Deus, sabendo que o caminho do discernimento serve para delinear uma resposta vocacional que coloca formador e formando na escuta de um projeto que não é apenas o resultado de boas disposições humanas, mas, acima de tudo, um dom de Deus. Descobrir juntos a continuidade desse dom, nas adversidades da história de vida, é o método que caracteriza o acompanhamento no processo de discernimento.

Essa comunalidade de propósitos permite que os responsáveis pelas vocações e o indivíduo em busca de responder ao chamado de Deus façam um caminho que lhe consinta conhecer a *continuidade de sua história vocacional* e, também, confirmá-la no momento presente, sempre que a pessoa questionar o porquê de sua própria existência. “Os carismas continuam a viver enquanto geram pessoas livres, que encontraram uma voz que fala de um arbusto em chamas enquanto apascentam um rebanho, ou a reconhecem como a voz profunda que sempre viveu nele (se já

não estivesse dentro de nós, não saberíamos como reconhecê-la como uma boa voz e obedecê-la)” (Bruni, 2015, p. 76).

Essa disposição de se deixar questionar pela voz de Deus favorece a construção de um “nós” inclusivo das novidades que podem surgir nos diferentes momentos do encontro e que caracterizam um percurso de discernimento.

Ao dar continuidade ao acompanhamento, o indivíduo aprenderá cada vez mais a contar sua própria história de vida e a reconhecer, nessa narração, o sentido e a perspectiva de sua identidade. Aprenderá a descobrir, com a ajuda do formador, os aspectos de continuidade e variação presentes em sua vocação e, também, a conjugá-los com a abertura à alteridade que caracteriza toda a missão da Igreja (João Paulo II, 1990, n. 40).

No trabalho que o acompanha, continuará reconhecendo a constância de um intercâmbio continuativo e a variabilidade das muitas oportunidades que o encontro com o outro permite emergir. “A narrativa progressiva tem uma importante função social que pressupõe, por um lado, a necessidade de estabilidade e, por outro, a necessidade de mudança em direção positiva” (Scilligo, 2002, p. 97).

Assim como é possível reconhecer a própria identidade vocacional dentro dos eventos da própria história, da mesma forma, no acompanhamento vocacional, será possível identificar os sinais do chamado de Deus no confronto com o outro e aceitar o convite para sair de si mesmo, para ser fonte de alegria para o outro.

A necessidade de um diagnóstico, quando nem tudo está claro

A perspectiva da descoberta vocacional que queremos delinear se manifesta na história de vida da pessoa, pois Deus se

revela em sua realidade concreta, em que cada um é chamado a reconhecer os sinais desse apelo vocacional, acompanhado por quem tem a tarefa de segui-lo nesse caminho. Essa perspectiva assume um caráter eminentemente evolutivo, uma vez que é no desenvolvimento da própria existência que o indivíduo será capaz de perceber o convite para seguir aquele que dá sentido ao seu futuro. Mas também tem caráter educativo, a partir do momento em que é um caminho a ser feito em conjunto, já que todo percurso de discernimento é história relacional com caráter transformador.

Nesse caminho, pode haver momentos de confusão, de desorientação, nos quais as fragilidades internas se misturam ao desejo vocacional, em que o sujeito confunde o apelo de Deus com as suas próprias falhas ou necessidades não resolvidas, iludindo-se de que ele pode resolvê-las, numa escolha de vida que, no entanto, nada tem a ver com a vontade de Deus.

“O respeito e o reconhecimento da dignidade que todo ser humano merece não devem ser confundidos com um ‘bem-vindo’ em seminários e comunidades que, muitas vezes, após um primeiro impulso generoso, se veem incapazes de administrar personalidades verdadeiramente complexas [...]. Porque, quando se consegue avaliar com antecedência a probabilidade de dificuldades psicológicas que possam comprometer seriamente o andamento do percurso formativo, melhor será o benefício que a pessoa recebe, porque poderá ser orientada em outro caminho mais adequado a ela; sem contar os benefícios para a comunidade que normalmente não possui os recursos suficientes para gerenciar estruturas de personalidade muito complexas” (D’Urbano, 2018, p. 53).

Portanto, a capacidade de reconhecer se existem situações problemáticas que podem dificultar a resposta vocacional,

também com o “recurso a especialistas em ciências psicológicas, quer antes da admissão ao seminário, quer durante o caminho formativo” (Congregação para a Educação Católica, 2008, n. 5), tende a contribuir para o discernimento vocacional.

Quando o responsável pelo discernimento vocacional percebe que não conhece o assunto adequadamente, ou quando duvida da presença de distúrbios psíquicos, pode recorrer à ajuda de profissionais qualificados, competentes e especializados no campo psicopedagógico, capazes de fornecer um diagnóstico sobre problemas emergentes. Tais intervenções são particularmente importantes para facilitar o desenvolvimento de um programa de formação personalizado, sobretudo no período de discernimento inicial (ibid., n. 8), quando se percebem as dificuldades psicológicas do sujeito.

Ao mesmo tempo, a contribuição de um especialista externo não deve ser a única fonte de avaliação, mas, antes, ser integrada e aprimorada em um percurso que considere, além dos pontos fortes, também os aspectos problemáticos que surgiram, por exemplo, em uma psicodiagnose. Em outras palavras, não basta pedir que se façam testes psicológicos para completar o dossiê do candidato, antes de entrar no seminário ou no convento, ainda que determinada diocese ou congregação ordene que seja assim. Os testes psicológicos não podem ser usados para avaliar a presença de contraindicações à vida religiosa ou presbiteral, ainda mais quando são utilizados como única fonte de avaliação vocacional.

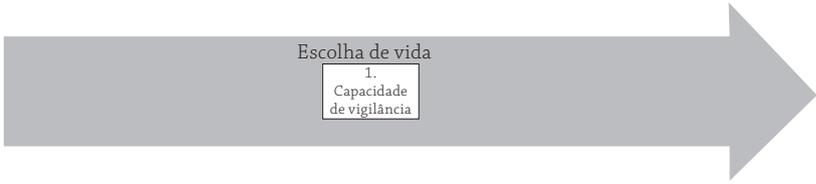
Portanto, cada intervenção de tipo psicológico (uma diagnose ou uma psicoterapia) deverá ser conduzida com uma ótica psicoeducativa e projetual (Crea, 2019). Desse modo, poder-se-á evitar distinguir o componente humano daquele espiritual, criando, ao invés, uma sinergia entre os diversos

âmbitos de ação, já que um conhecimento amplo e profundo do aspecto humano consente uma melhor valorização dos recursos à disposição, além de uma atenta avaliação do longo caminho vocacional.

É por isso que se orienta que a ajuda de um profissional externo não seja casual, mas programada, antecedida por um encontro no qual se deixem explícitos “os objetivos, as funções e o impacto” que determinada intervenção terá sobre o processo formativo, planejando momentos nos quais se verifique se o percurso formativo está possibilitando alguma mudança. Por isso, não é suficiente delegar o discernimento a um profissional externo, mas, sim, que o formador aprenda a integrar os conhecimentos e as descobertas da psicologia no interno do acompanhamento formativo: “isso exige que cada formador tenha a sensibilidade e a preparação psicológica adequadas para estar, tanto quanto possível, em grau de perceber as reais motivações do candidato, de discernir os obstáculos na integração entre a maturidade humana e cristã e as eventuais psicopatologias” (Congregação para a Educação Católica, 2008, n. 4).

Os resultados que surgirem ajudarão a delinear um quadro mais articulado, em vista de um processo educativo não mais centrado na presença/ausência de obstáculos vocacionais, mas, acima de tudo, orientado a saber privilegiar uma sensibilidade formativa que seja efetivamente coligada com a vida da pessoa desde o início, desde o discernimento vocacional.

**Planilha para o discernimento:
foco na vigilância e na conscientização**



1. Quem discerne é um “ouvinte” da ação de Deus em sua própria vida e na vida do mundo. Quais características esse ouvinte deve ter?

2. A relação estabelecida entre quem acompanha e quem é acompanhado predispõe ao conhecimento mútuo. Quais são os níveis dessa dinâmica e por que é realmente formativa?

3. Complete a seguinte frase: “Só posso conhecer o dom da vocação, se...”.
